

MATERNIDADE, EMPREENDEDORISMO E TRANSIÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL

Lisa Biron¹ e Danielle Carusi Machado²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as transições das mães no mercado de trabalho e contribuir para o tema de empreendedorismo materno no Brasil. Os dados analisados são da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios Contínua (PNAD-C), para o período compreendido entre 2012 e 2021, permitindo verificar o comportamento das transições em diferentes fases do ciclo econômico, incluindo a crise econômica da COVID-19. Os resultados apresentados evidenciam as diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho, em termos de emprego, desemprego e inatividade, particularmente a alta probabilidade de as mães migrarem para inatividade ao longo de toda a série analisada, de forma mais pronunciada durante a crise deflagrada a partir de 2020. Sobre o empreendedorismo materno, este estudo observou menores probabilidades de inserção na ocupação de conta própria ou empregadora a partir da situação de desemprego, especialmente baixa para mulheres com filhos pequenos, entre 0 e 5 anos - indicando, ainda, que o empreendedorismo pode ser um “colchão amortecedor” do desemprego frente a uma crise econômica para homens com ou sem filhos, mas não tão fortemente para as mulheres. Em suma, o artigo revelou a baixa capacidade de absorção da força de trabalho feminina, do mercado de trabalho brasileiro, frente às crises econômicas no período analisado.

Palavras-chave: Transição no mercado de trabalho; Empreendedorismo Materno; Desigualdade de Gênero.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the transitions of mothers in the labor market and contribute to the topic of maternal entrepreneurship in Brazil. The data analyzed are from the Continuous National Household Sample Survey (PNAD-C), for the period between 2012 and 2021, allowing to verify the behavior of transitions in different phases of the economic cycle, including the economic crisis of COVID-19. The results presented show the differences between men and women in the labor market, in terms of employment, unemployment and inactivity, particularly the high probability of mothers migrating to inactivity throughout the analyzed series, more accentuated during the crisis emerged from 2020 and onwards. This study observed lower probabilities of insertion in the occupation of self-employment or employer from the unemployment situation, especially low for women with young children, between 0 and 5 years old – also indicating that entrepreneurship can be a “buffer cushion” of unemployment in the face of an economic crisis for men with or without children, but not so strongly for women. In short, the article revealed the low absorption capacity of the female workforce, in the Brazilian labor market, in the face of economic crises in the analyzed period.

Keywords: Labor Market Transition; Mumpreneurship; Gender Inequality.

JEL: J16, L26.

¹ Doutoranda do PPGE, UFF/Niterói. Email: lisabac82@gmail.com

² Professora Associada da Faculdade de Economia - UFF/Niterói. Email: dani_carusi@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Até meados de 1990, a literatura econômica sobre mercado de trabalho no Brasil se debruçava sobretudo em entender o comportamento de variáveis de estoque, como as taxas de desemprego, ocupação, informalidade etc. Posteriormente, a maior disponibilidade de microdados incentivou estudos empíricos mais inovadores, logo, a produção bibliográfica sobre o tema passou a se concentrar na duração do desemprego. Com a queda contínua do desemprego, a partir dos anos 2000, a literatura nacional passa a lançar luz sobre a mobilidade ocupacional e sobre a transição entre os grandes estados ocupacionais: ocupados, desempregados e inativos (SANTOS; MONSUETO; VARELLA, 2021). Analisar tais transições, isto é, os fluxos de indivíduos no mercado de trabalho, se justifica por pelo menos dois motivos: primeiro, um dada medida de estoque, em qualquer momento de tempo, é determinada por três medidas de fluxo (saída, entrada e permanência) que levam a diagnósticos bastante diferentes em relação aos possíveis de determinantes na queda ou elevação de uma dada variável de estoque. O segundo motivo é que algumas dessas transições podem ser mais sensíveis ao ciclo econômico do que outras, o que permite uma investigação mais assertiva sobre a sensibilidade de uma determinada dimensão do mercado de trabalho. Essa distinção é fundamental para formulação e avaliação de políticas públicas (GONZAGA; ULYSSEA, 2016).

Portanto, é importante entender a escolha ocupacional desses indivíduos e como ocorre essa dinâmica que, ao longo do tempo, é influenciada não só pelo ciclo econômico, mas por características sociodemográficas, como sexo, cor, idade, educação, experiência e local de domicílio. No caso das mulheres, por exemplo, as trajetórias profissionais costumam ser especialmente as mais afetadas pela fecundidade, em função de uma desigualdade latente na divisão de cuidados com os filhos e afazeres domésticos (HECKSHER; BARBOSA; COSTA, 2021). Como forma de equilibrar o trabalho e família, e atender às pressões sociais, mulheres com filhos podem ser mais propensas a migrar para ocupações com carga horária mais flexível, cujos rendimentos são menores e pouco lineares, uma vez que não conseguem delegar o trabalho doméstico não remunerado de forma plena (GOLDIN, 2014). Estudos internacionais mostram que mães, especialmente as de crianças pequenas, apresentam maior probabilidade a empreender, tal como conta própria (AJEFU, 2019; BERNIELL et al., 2021; EDWARDS; FIELD-HENDREY, 2002; GIMENEZ-NADAL; MOLINA; ORTEGA, 2012; JOONA, 2017).

O objetivo deste trabalho é analisar as transições das mulheres com filhos no mercado de trabalho, particularmente aquelas inseridas no empreendedorismo, seja no trabalho por conta própria seja como empregadoras. A hipótese a ser validada é que as probabilidades de transição são diferentes para homens e mulheres, apresentando disparidades ainda maiores quando considerada a presença de filhos no domicílio. Para tanto, serão utilizados dados Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A metodologia utilizada possibilita estimar, por meio dos estoques de empregados e desempregados, as probabilidades de transição entre os estados ocupacionais, de forma segmentada por gênero e posição na ocupação, corrigindo o viés de agregação de tempo.

Como será visto adiante, na breve revisão de literatura, apenas três estudos sobre transições de trabalho, dirigidos para o Brasil, utilizam a PNAD-C como a base de dados na sua estratégia empírica (CUCO; SOUZA, 2019; MOREIRA; CORSEUIL; FOGUEL, 2016; REIS, 2019). Atualmente, a PNAD-C é a única fonte de informação domiciliar sobre mercado de trabalho corrente e atualizada e, até o momento da elaboração deste trabalho, conta com uma série trimestral de 2012/1T³ a 2021/3T. Os demais trabalhos nacionais citados, aqui, utilizaram a Pesquisa Mensal de Emprego, também realizada pelo IBGE, que foi descontinuada em 2016, só permitindo a análise por seis regiões metropolitanas (RMs). Portanto, a contribuição empírica do presente trabalho é atualizar a análise das transições de trabalho para o Brasil, com os últimos dados disponíveis da última década, segmentando o estado de ocupação por suas diversas posições, lançando luz especialmente sobre o

³ Denominamos ao longo do artigo jT como sendo o trimestre j do respectivo ano (j pode ser primeiro, segundo ou terceiro trimestre).

empreendedorismo: trabalho por conta própria e empregador. Além disso, o caráter notório desse estudo é o olhar dado para as transições a partir da maternidade, ou seja, observar como as mulheres com filhos transitam entre os diferentes estados de ocupação no mercado de trabalho brasileiro.

O texto está estruturado em quatro seções, além desta introdução. Na seção 2, é feita uma breve revisão da literatura internacional e nacional. Na seção 3 é descrita a abordagem empírica adotada nas estimações, enquanto na seção 4 são apresentados os resultados encontrados considerando múltiplos estados ocupacionais e segmentações propostas. Por fim, a seção 5 contém as principais conclusões do estudo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura divide-se em três subseções. A primeira apresenta os principais estudos acerca da dinâmica temporal das transições no mercado de trabalho, a partir dos estados ocupacionais e dos ciclos econômicos. A subseção 2.2 traz uma breve discussão sobre como a perspectiva de gênero influencia as probabilidades de transição no Brasil. A última subseção desta revisão levanta algumas evidências empíricas sobre o empreendedorismo materno.

2.1. TRANSIÇÕES E CICLOS ECONÔMICOS

A investigação das probabilidades de transição a partir dos ciclos econômicos permite a compreensão concomitante dos contextos micro e macroeconômico, uma vez que se analisa a posição e, de certa forma, o comportamento dos indivíduos frente à economia agregada. Para tanto, um método bastante comum empregado nesta análise são os modelos por busca de emprego, a partir da análise da taxa de desemprego como ponto de referência. A produção de evidências empíricas acerca das contribuições das admissões e desligamentos para os movimentos cíclicos da taxa de desemprego é bem consolidada no cenário internacional desde os anos 1980. Segundo Nunes, Menezes-Filho e Komatsu (2016), diversos arcabouços teóricos, métodos empíricos e bases de dados foram utilizados para a avaliação do comportamento daquelas taxas e de suas contribuições relativas, e na maior parte dos casos, aplicadas à economia dos Estados Unidos.

Nos Estados Unidos, entre 1990 e 2000, a corrente que dominou os modelos macroeconômicos de mercado de trabalho foi a dos chamados “*separation driven*”. Darby, Haltianger e Plant (1986), a partir da suposição de racionalidade dos indivíduos que buscam emprego, e utilizando dados mensais da Current Population Survey (CPS), referentes à economia dos Estados Unidos, de 1976 a 1985, observaram que a probabilidade de encontrar emprego seria determinada, essencialmente, por características pessoais do desempregado (tais como idade, sexo, educação, etc.) e que, portanto, as admissões deveriam ser pouco afetadas pelo ciclo econômico. Além disso, os demitidos seriam, em geral, pessoas com baixas probabilidades individuais de encontrar emprego, de modo que a composição do desemprego seria afetada negativamente pela distribuição dos desligamentos. Blanchard et al. (1990) também contribuíram para a visão de que as demissões são a principal fonte de flutuação do desemprego. Com dados da CPS, de janeiro de 1968 a maio de 1986, os autores fazem uso de um modelo VAR (Vetor Autorregressivo) para demonstrar que, após a ocorrência de um choque negativo, o nível de emprego recua mais pelo aumento das transições do estado de emprego para o desemprego, do que pela redução das transições no sentido inverso. Fujita e Ramey (2009), por sua vez, encontram que a probabilidade de desligamento antecede a queda da probabilidade de encontrar trabalho.

Mais recentemente, os “*hiring driven*” apontam para a relevância da probabilidade de se encontrar trabalho. Hall (2005) encontra evidências opostas aos autores antecessores, concluindo que, nas recessões, o desemprego é alto porque é difícil encontrar trabalho, e não porque aumenta o número de pessoas procurando trabalho por conta de maiores taxas de desligamento. Para chegar a tal resultado, Hall (2005), utilizando novos dados da CPS, estimou as taxas de desligamentos e admissões

desde 1948 até 2004, período em que as contratações exibiram comportamento bastante volátil, e que, portanto, seriam a principal fonte de oscilação no mercado de trabalho.

Com o desenvolvimento de uma nova metodologia para a recuperação das probabilidades de admissão e desligamento, Shimer (2007) fez uma contribuição fundamental ao debate, levando os principais trabalhos posteriores sobre o tema a adotarem essa nova forma de medida ou derivações suas. A metodologia de Shimer (2007) parte do pressuposto que os trabalhadores não entram nem saem da População Economicamente Ativa (PEA), mas apenas transitam entre ocupados e desocupados. A metodologia de Shimer (2007) será utilizada no presente trabalho e sua metodologia será detalhada na seção sobre estratégia empírica.

Petrongolo e Pissarides (2008), comparando as performances na Inglaterra, França e Espanha, concluíram que ambos os movimentos são importantes, relacionando os diferentes resultados a aspectos institucionais. Nesse sentido, Petrongolo e Pissarides mostram que os desligamentos ganharam importância para a variação da desocupação no Reino Unido a partir de meados da década de 1980, e atribuem esta mudança a reformas na legislação do mercado de trabalho. Na França, onde a legislação de proteção do trabalho é mais rígida, as variações da taxa de desemprego se devem quase que inteiramente às flutuações da probabilidade de admissão. Elsbey, Michaels e Solon (2009) mediram a contribuição acumulada do componente do período de referência em relação ao período-base. Os autores demonstram que os fluxos para o desemprego variam conforme o tipo de desligamento: por demissão é anticíclico, enquanto por desligamento voluntário é pró-cíclico, e a entrada na força de trabalho não reflete o ciclo econômico. Empregando segmentações de gênero nos Estados Unidos, Ilg e Theodossiou (2012) mostraram que a probabilidade de uma mulher desocupada sair da PEA era maior do que a de um homem após períodos de desemprego de meio ano ou mais. As mulheres eram mais propensas do que os homens desempregados a desistir sua busca por trabalho em menos de 5 semanas, um padrão que foi consistente ao longo do período de 1995 a 2011.

Para o Brasil, Attuy (2012), Silva e Pires (2014) e Foguel, Moreira e Corseuil (2016) encontraram movimentos semelhantes, mas divergentes dos obtidos para países desenvolvidos (Petrongolo e Pissarides, 2008; Shimer, 2012). Utilizando dados da PME, os autores encontraram que as flutuações cíclicas da taxa de desemprego eram positivas e altamente relacionadas à saída da ocupação. Isso significa que a taxa de saída apresenta um comportamento pró cíclico, ou seja, as elevações da taxa de desemprego estão em geral associadas com aumentos da taxa de saída da ocupação.

Para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) em comparação às demais Regiões Metropolitanas (RMs), Gonzaga e Ulysea (2016) segmentaram a análise das probabilidades em duas dimensões: as transições de entrada e saída da condição de informalidade e os fluxos de entrada e saída no estado Nem-Nem - os jovens que não estudam e não participam da PEA. Os resultados sugerem um padrão anti-cíclico da taxa de permanência na informalidade da RMRJ, somente a partir da crise de 2009, quando se observou uma tendência de alta na taxa de permanência nas demais RMs, mais em linha com a percepção usual de que a informalidade tende a ser um “colchão amortecedor” em períodos de crise.

Nunes, Menezes-Filho e Komatsu (2016) analisaram o período de 2004 a 2013, aplicando a metodologia de Shimer (2007) para recuperação das taxas de admissão e desligamento, evitando o viés de agregação temporal. Os autores encontraram uma contribuição preponderante das admissões, de cerca de 81%. Estes resultados sugerem que, ao menos de forma agregada, os movimentos na taxa de desocupação se deveram mais a alterações no ritmo de contratações das empresas do que às demissões. Também verificaram que a composição do estoque de desempregados parece não ter quase nenhum efeito sobre a probabilidade média de se encontrar emprego.

Moreira, Corseuil e Foguel (2016) comparam resultados obtidos com a PNAD-C e PME, para avaliar a capacidade preditiva de um modelo que se baseia nas transições das pessoas entre os quatro estados básicos de um mercado de trabalho como o brasileiro, a saber, desemprego, ocupação formal, ocupação informal e inatividade (fora da força de trabalho). Verificou-se que o modelo de transição não mostrou capacidade preditiva para os valores das taxas de interesse no período da PNAD-C, que é atualmente a pesquisa de referência sobre o desempenho do mercado de

trabalho do país. Para os autores, é possível que a qualidade preditiva do modelo aumente com a elevação do número de períodos disponíveis da PNAD-C.

2.2. ESTADO OCUPACIONAL E GÊNERO

No Brasil, os estudos, que buscam compreender o perfil dos indivíduos que transitam de um estado ocupacional para outro, utilizam em sua maioria a metodologia relacionada a determinantes da duração de desemprego ou da probabilidade de ficar desempregado. Bivar (1993) introduziu um trabalho pioneiro sobre as transições no mercado de trabalho, para os anos de 1983 a 1990, a partir de dados da PME. Sua análise se concentrou na duração do desemprego e nos determinantes de gênero. Seus resultados mostraram substanciais diferenças nas probabilidades de transição de homens e mulheres e, por consequência, nas suas respectivas taxas de desemprego. Ainda, foram as transições do emprego para fora da força de trabalho que apresentaram impacto maior sobre a taxa de desemprego feminino. Na mesma linha, Fernandes e Picchetti (1999) mostraram, com dados da antiga PNAD, de 1995, que as mulheres apresentavam uma probabilidade de desemprego ligeiramente superior à dos homens, mesmo tendo uma taxa de atividade significativamente menor, corroborando que a taxa de desemprego era superior entre as mulheres.

Posteriormente, Antigo e Machado (2006) concluíram que o fenômeno do desemprego, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, entre 1997 e 2000, era afetado não só por fatores individuais, como também pelo comportamento da atividade econômica, confirmando o predito pelos modelos de busca de emprego. Com dados referentes a 2004, Oliveira, Scorzafave e Pazello (2009), visando expandir o estudo de Fernandes e Picchetti (1999), ressaltaram as diferenças entre homens e mulheres nas probabilidades de desemprego e inatividade, identificando que as mulheres apresentavam maior probabilidade de inatividade diante de todas as circunstâncias analisadas. No entanto, particularmente para as mulheres pobres, a inatividade se mostrou menor com número de crianças no domicílio, segundo os autores, em função da maior necessidade de entrada no mercado de trabalho para complementação da renda familiar.

Oliveira e Carvalho Jr. (2009), fundamentados pela Teoria da Busca por Emprego⁴, observaram a evidência de desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro e analisaram seus possíveis efeitos sobre o salário aceito no momento de saída do estado de desemprego, a partir dos dados da PME do ano de 2006. Os autores apontaram que existe uma observável discrepância no risco de saída do estado de desemprego, ou seja, na obtenção de trabalho, relacionada ao gênero do trabalhador, preterindo as mulheres. Uma conclusão significativa é de que a quantidade de crianças no domicílio afeta esse risco de forma oposta para homens e mulheres. Em sua interpretação, uma maior alocação de tempo em afazeres domésticos pode ter efeitos negativos significativos no salário de transição para o estado de emprego. Portanto, o número de crianças no domicílio pode afetar o salário dos indivíduos, à medida que influencia a duração do desemprego.

Menezes e Cunha (2013) observaram maior duração no desemprego para as mulheres, para os indivíduos não brancos, não chefes de família e residentes nas regiões metropolitanas de Salvador e Rio de Janeiro. Para o período entre 2002 e 2015, Gomes et al. (2019) concluíram que mulheres pretas foram as mais atingidas em um contexto de crise de emprego, evidenciando que as chances de transições ao longo desse período eram afetadas pelas características individuais dos indivíduos. Seus resultados mostraram, ainda, que o perfil de transição para trabalhadores com filhos até 5 anos de idade era diferente para homens e mulheres: os homens apresentavam maior probabilidade de permanecerem na ocupação, ao passo que as mulheres tinham mais chances de migrar para inatividade ou desemprego, fosse pelo tempo necessário para cuidar dos filhos, fosse pela dificuldade de encontrar ocupações capazes de conciliar a dupla jornada de trabalho.

⁴ Os modelos de busca consideram que aspectos pessoais e de estratégias têm grande importância nas chances de recebimento de uma oferta de trabalho, como também no salário de reserva do trabalhador (OLIVEIRA; CARVALHO JR., 2009).

Santos, Monsueto e Varella (2021), utilizando dados da PME, de 2002 a 2016, analisaram a probabilidade de indivíduos transitarem para o desemprego, considerando características pessoais e socioeconômicas, bem como os níveis hierárquicos de ocupação. Entre os resultados obtidos, observaram que os trabalhadores alocados em categorias mais altas tinham menor probabilidade de perder seu posto de trabalho. Ademais, foi apontado que a escolha da categoria da ocupação tende a ser mais importante para as mulheres. Os efeitos de uma escolha inadequada hoje afetam negativamente a probabilidade de emprego futura⁵. Na interpretação dos autores, uma consequência desse tratamento diferenciado entre homens e mulheres nos setores menos desejáveis mostra as diferenças de oportunidades por gênero. Isto limita a mobilidade dos trabalhadores para postos de nível mais elevado, reproduzindo a estrutura desigual preexistente de alocação da mão de obra ao longo do tempo.

Oliveira (2018) analisou a participação no empreendedorismo em resposta ao ciclo econômico. De acordo com o autor, há uma associação da probabilidade de ser empreendedor positiva e estatisticamente significativa com a taxa de desemprego, no período de 2002 a 2015, mais fortemente para mulheres e pessoas não-brancas. Isto é, os trabalhadores com essas características respondem às flutuações econômicas ao longo do tempo durante o processo de tomada de decisão de sua escolha ocupacional. Ainda, a participação das mulheres no empreendedorismo poderia ser moldada pela discriminação por duas perspectivas distintas: de um lado, a discriminação no local de trabalho fosse motivadora a empreender, a fim de evitá-la; por outro, a discriminação contra as mulheres pelos credores poderia impedir o empreendedorismo, restringindo o acesso ao financiamento (OLIVEIRA, 2018).

Recentemente, observa-se uma maior atenção dos pesquisadores quanto à escolha ocupacional na informalidade no Brasil. Essa análise é especialmente importante, dado que 67,6% dos 29,3 milhões empreendedores no país são informais⁶. Hirata e Machado (2010), utilizando dados da PME referentes a 2002 a 2010, investigaram como os indivíduos que se inseriam no mercado de trabalho informal e quais apresentavam maiores chances de sair do setor. Seus resultados mostraram que, quanto maior a renda do indivíduo no período anterior, maior a probabilidade de ele ser informal no período atual. As mulheres chefes de domicílio apresentaram maior probabilidade de inserção como domésticas ou sem carteira relativamente à inserção como informal. A análise apontou, ainda, que os brancos possuíam maior probabilidade de serem formais e que o setor informal é composto por indivíduos mais velhos. Além disso, ter um informal no domicílio também aumenta a chance de informalidade na família. Apesar das vulnerabilidades associadas às características individuais, a hipótese de que a informalidade seria um “colchão amortecedor” de crises não foi confirmada, porque as evidências apontaram que um crescimento da taxa de desemprego aumentava a probabilidade de o indivíduo permanecer desempregado frente à transição para setor informal, durante o período analisado.

Reis e Águas (2014), a partir dos dados da PME, de 2006 a 2013, para as seis regiões metropolitanas do Brasil, estimaram a probabilidade de um indivíduo inicialmente desempregado transitar para cada um dos diferentes estados (emprego formal, emprego informal e inatividade) durante um período de 3 meses. Os resultados mostraram substanciais diferenças por gênero, com as probabilidades de transição para empregos formais e informais sendo menores para as mulheres. A proporção de mulheres que transitava do desemprego para a inatividade aumentava diretamente com a duração do desemprego. Para as mulheres, a probabilidade de transição do desemprego para o emprego, fosse formal ou informal, foi menor do que a dos homens.

De forma semelhante a Reis e Águas (2014), Barbosa Filho e Moura (2015), acrescentando à análise as regiões não-metropolitanas, com dados de 2002 a 2012, da antiga PNAD, calcularam a probabilidade de indivíduos transitarem entre formal, informal, desempregado e fora da PEA. Os resultados apontaram que a matriz de transição mostrou que o setor formal é um importante

⁵ Santos, Monsueto e Varella (2021) destacaram a classe Baixa, pois essa apresenta a maior probabilidade de transição, além de exibir a maior diferença entre os gêneros (0,028 para as mulheres, contra 0,023 para os homens).

⁶ Análise do percentual de empregadores e trabalhadores conta própria sem CNPJ, a partir dos dados referentes a 2022/1T, da PNAD-C (IBGE).

contratante de mão de obra do setor informal, ou seja, trabalhadores informais tendem a migrar para o setor formal quando este pode absorver esse contingente de mão de obra. No período analisado, houve uma queda da taxa de informalidade para os diferentes grupos, sendo que os homens tiveram a maior contribuição (por exemplo, -6,6 p.p. no período 2012-2002) para tal efeito do que as mulheres (-4,6 p.p. no mesmo período). Para os autores, isso ocorreu porque, além do fato dos homens apresentarem uma participação média maior na população ocupada (56,7%), a queda da taxa de informalidade de tal grupo foi maior (11,5 p.p.) do que a das mulheres (10,8 p.p.). Por sua vez, a taxa de informalidade era superior entre as mulheres do que entre os homens.

Reis (2019), um dos raros trabalhos que utilizam os dados da PNAD-C, analisou os determinantes da duração do desemprego entre 2012 e 2017. Os resultados apontaram que com uma situação menos favorável no mercado de trabalho, quando a taxa de desemprego é mais elevada, as maiores reduções na probabilidade de saída do desemprego se dão em relação a transições para empregos de melhor qualidade, com maiores remunerações e melhores condições no mercado. Além disso, tanto em situação de emprego favorável ou desfavorável, as mulheres apresentaram uma probabilidade de saída do desemprego para um emprego em tempo integral muito menor que os homens, enquanto o diferencial por gênero deixou de ser estatisticamente significativo quando o destino considerado era um emprego em tempo parcial. Para empregos com maior exigência educacional não foram encontradas diferenças por gênero nas probabilidades de transição do desemprego para emprego, ao passo que para empregos de baixa escolaridade para as mulheres essa probabilidade foi muito menor que para os homens.

Também utilizando dados da PNAD-C, Cuco e Souza (2019) analisaram a inserção no setor informal a partir das transições ocupacionais, entre 2012 e 2019, e mostraram a permanência e atração de grupos socialmente vulneráveis para informalidade: as mulheres informais tinham menores chances de encontrar um trabalho formal e de ficarem desempregadas, porém, apresentavam maior probabilidade de transitarem para a inatividade. As mulheres, analfabetos e não brancos, uma vez no mercado formal, apresentaram maior probabilidade de migrar para a informalidade.

Um estudo que vale a menção, apesar de não ser propriamente sobre probabilidade de transição de ocupação, é o de Hecksher, Barbosa e Costa (2021). Por meio da PNAD-C, os autores construíram um painel que pudesse acompanhar a situação laboral e educacional de mães e pais, de antes da gravidez até a infância. Os autores mostraram que a probabilidade de trabalhar dos pais não se alterou desde a gravidez, enquanto a das mães cai fortemente enquanto o nascimento se aproximava. As disparidades são ainda mais impressionantes em relação à frequência escolar. Enquanto o percentual dos pais que não estudam nem trabalham no mercado oscilou ao redor de 8,7%, o das mães subiu de 31,8% um ano antes do nascimento até 54,5% três trimestres depois da chegada do filho, alcançando 65,5% entre as jovens de 15 a 24 anos de idade.

2.3. EMPREENDEDORISMO MATERNO

Existe uma vasta literatura na teoria econômica *mainstream* mostrando a relação entre maternidade e o mercado de trabalho. As evidências existentes apontam que ter filhos provavelmente está associada a uma menor participação das mulheres no mercado de trabalho em empregos remunerados, fenômeno também denominado “penalidade materna”⁷ (KLEVEN; LANDAIS; SØGAARD, 2019; BECKER, 1985 ; MINCER et al., 1962). O modelo teórico de Mincer (1962) observou que o cuidado materno infantil é difícil de ser substituído comparado a outros trabalhos domésticos, logo a oferta de trabalho de mulheres casadas com crianças pequenas é provavelmente mais afetada do que mulheres casadas sem filhos pequenos. Becker (1985) mostrou que cuidar de

⁷ Há três explicações distintas para a existência de penalidade da maternidade (GRIMSHAW; RUBERY, 2015). A primeira seria a racionalidade econômica, centrada na teoria do capital humano e na auto-seleção feminina para empregos com menores rendimentos. A segunda seria de natureza sociológica: crenças estereotipadas sobre a menor produtividade das mulheres e, de modo geral, a baixa valorização do trabalho feminino. A terceira teria origem institucional: distintos contextos de países, políticas e cultura pública em relação ao papel social da mulher.

crianças é mais trabalhoso do que exercer outras atividades domésticas, afetando o desempenho das mulheres no mercado de trabalho. De acordo com Kleven, Landais e Sjøgaard (2019), a chegada de crianças cria um hiato de rendimento de cerca de 20% no longo prazo, sendo desfavorável à sua participação da força de trabalho, horas de trabalho e taxas salariais. A fração de desigualdade de gênero causada por penalidades decorrentes da maternidade aumentou substancialmente ao longo do tempo, passando de 40% em 1980 para cerca de 80% em 2013.

Para equilibrar trabalho e compromissos familiares, evidências recentes sugerem que a participação de muitas mulheres na força de trabalho é significativamente afetada, enquanto outras podem considerar empregos a tempo parcial ou menos exigentes, como empreendedorismo por conta própria (AJEFU, 2019; BODEN, 1996; BUDIG, 1997; JOONA, 2017; SIMOES; CRESPO; MOREIRA, 2016; WELLINGTON, 2006)⁸. Segundo Ekinsmyth (2014), o empreendedorismo materno tem o potencial de oferecer mais opções para o trabalho das mães, mas, por outro lado, eles reativam expectativas e arranjos desiguais de papéis de gênero dentro das famílias. Ainda, esses negócios não são por coincidência localizados em casa, mas, iniciados e moldados em torno de seu papel de cuidar das crianças e do lar.

A particularidade de ser mãe e empreendedora, para Maritz, Thongpravati e Nel (2010), implica desafios como: iniciar empreendimento com falta de conhecimento adequado; restrições de recursos; estereótipos de gênero; oportunidades limitadas de networking equilíbrio, e principalmente, o de conciliar trabalho de novos empreendimentos além de seus afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Isto é: As “*mumpreneurs*” (mães empreendedoras) adicionam uma dimensão totalmente nova ao empreendedorismo. A nova dimensão é a maternidade, onde essas mulheres empresárias equilibram o papel de mãe e o papel de empreendedorismo. Para os autores, “sua motivação é o ‘desejo altruísta’ de criar um ambiente melhor para sua família e comunidade em geral.” (MARITZ; THONGPRAVATI; NEL, 2010, p. 7, grifo próprio). A maternidade, como uma nova dimensão, traz, portanto, uma sobrecarga adicional de trabalho, seja esse remunerado ou não. No empreendedorismo materno, as mulheres parecem ser mantidas no lugar em que a sociedade patriarcal espera delas: a casa.

Lombard (2001), a partir de dados dos Estados Unidos, concluíram que a presença de crianças aumentava a probabilidade de empreender como conta própria, uma vez que as mulheres com crianças têm uma demanda maior por horários flexíveis e que isso é mais “facilmente” alcançado quando se trabalha por conta própria. Edwards e Field-Hendrey (2002) apontaram que a presença de uma criança pequena aumentava a probabilidade de uma mulher escolher o trabalho *home-based* (baseado em casa) ao invés do que o trabalho *on-site* (no local da empresa). Além disso, as trabalhadoras baseadas em casa são mais propensas a escolher o trabalho por conta própria. Segundo os autores, o tempo gasto no trabalho em casa pode ter um benefício não monetário, como poder passar mais tempo com os filhos. Utilizando dados do European Social Survey, de 26 países, Nordenmark, Vinberg e Strandh (2012) observaram que as mulheres que trabalhavam por conta própria experimentavam um nível significativamente mais elevado de demanda por equilíbrio entre vida profissional e pessoal do que as mulheres assalariadas, enquanto os homens autônomos experimentavam um nível semelhante de equilíbrio trabalho-vida pessoal como homens empregados. Com dados da Espanha, Gimenez-Nadal, Molina e Ortega (2012) encontraram diferenças no tempo gasto no mercado de trabalho, onde as trabalhadoras por conta própria gastavam menos tempo no trabalho remunerado, mas não encontraram diferença significativa no tempo gasto no cuidado da criança entre mulheres que trabalham por conta própria e assalariadas. Segundo os autores, as mulheres que trabalhavam por conta própria se ocupavam com mais frequência em horário de trabalho fora do padrão, ou seja,

⁸ Até o início da década de 1980, quase nada se sabia sobre mulheres empreendedoras, uma vez que os estudos sobre empreendedorismo se preocupavam quase inteiramente com os homens (MOORE et al., 1999). Até então, os estudos de gestão e organização adotavam uma abordagem “neutra em termos de gênero” para o empreendedorismo, estudando majoritariamente empreendedores homens, considerando poucas mulheres. A reflexão sobre a construção social de gênero na economia - empreendedorismo, em particular - começou tarde em comparação com outras disciplinas científicas, no final da década de 1990. Um recorte peculiar acerca do empreendedorismo refere-se ao “empreendedorismo materno”, ou seja, mulheres que abriram negócios após a chegada dos filhos.

durante a noite e fins de semana. Mais recentemente, Joonas (2017), para Suécia, e Ajefu (2019), para Nigéria, também encontraram evidências de que crianças pequenas aumentavam a probabilidade de transitar para empreendedorismo por conta própria.

Em contraste a estas evidências, Hildebrand e Williams (2003) questionaram se o trabalho por conta própria seria usado como estratégia para equilibrar e carreira. Utilizando dados sobre famílias europeias, os autores encontraram pouco respaldo empírico para concluir que os trabalhadores por conta própria passavam mais tempo com seus filhos do que outros. Wellington (2006), a partir de dados dos Estados Unidos, também encontraram pouco apoio para a hipótese de que as mulheres fossem mais propensas a escolher o empreendedorismo em resposta a demandas da família, a partir da década de 1990. No entanto, tal evidência foi mais significativa para mulheres brancas, casadas e mais escolarizadas.

A próxima seção apresenta a estratégia empírica adotada no presente trabalho.

3. ESTRATÉGIA EMPÍRICA

3.1. CONCEITOS E DADOS

No mercado de trabalho, as pessoas em idade de trabalhar (14 anos ou mais) podem estar basicamente em três estados ocupacionais em dado período de referência, compondo três respectivos estoques: ocupados, desocupados ou inativos. As pessoas ocupadas são aquelas que tinham trabalho no período de referência, fosse trabalhando efetivamente ou aquelas que estavam afastadas por motivos como férias, folga, jornada de trabalho variável, licença maternidade e fatores ocasionais⁹. O estado de desocupação ou desemprego, na semana de referência, compreende o conjunto de pessoas sem trabalho nessa semana, que tomaram alguma providência efetiva para consegui-lo no período de referência de 30 dias e que estavam disponíveis para assumi-lo na semana de referência¹⁰. Já os inativos são pessoas não ocupadas, e que, por qualquer motivo, não tomaram qualquer atitude para encontrar uma ocupação: porque não queriam, não podiam, ou desistiram de procurar após certo tempo¹¹. A probabilidade de uma pessoa estar ou migrar entre os estados ocupacionais depende de um conjunto amplo de fatores, como visto na revisão de literatura, entre os quais características sociodemográficas, inclusive mudanças na conjuntura econômica, de ordem macroeconômica.

Para analisar os fluxos de trabalhadores entre diversos estados ocupacionais, o presente estudo utiliza os dados da série da PNAD-C, de 2012/1T a 2021/3T¹². Cada domicílio selecionado para a pesquisa é visitado cinco vezes, durante cinco trimestres consecutivos. Assim, um domicílio é visitado pela segunda vez três meses após a primeira visita, pela terceira vez três meses após a segunda visita, e assim por diante. Isso equivale a dizer que a pesquisa segue um esquema de rotação intitulado

⁹ Também foram consideradas ocupadas as pessoas que, na data de referência, estavam, por período inferior a 4 meses: afastadas do trabalho em licença remunerada por motivo de doença ou acidente da própria pessoa ou outro tipo de licença remunerada; afastadas do próprio empreendimento sem serem remuneradas por instituto de previdência; em greve ou paralisação. Também, foram consideradas ocupadas as pessoas afastadas por motivos diferentes dos já citados, desde que tivessem continuado a receber ao menos uma parte do pagamento e o período transcorrido do afastamento fosse inferior a 4 meses (IBGE, 2014).

¹⁰ Consideram-se, também, como desocupadas as pessoas sem trabalho na semana de referência que não tomaram providência efetiva para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias porque já haviam conseguido trabalho que iriam começar após a semana de referência (IBGE, 2014).

¹¹ As pessoas em idade de trabalhar (14 anos ou mais de idade) que não estavam ocupadas nem desocupadas na semana de referência da pesquisa foram classificadas como fora da força de trabalho (IBGE, 2014).

¹² Segundo IBGE (2014, p.7): “A PNAD Contínua visa produzir indicadores para acompanhar as flutuações trimestrais e a evolução, a médio e longo prazos, da força de trabalho e outras informações necessárias para o estudo e desenvolvimento socioeconômico do País”. A pesquisa é realizada por meio de uma amostra probabilística de domicílios e, a cada trimestre, investiga em torno de 211.000 domicílios.

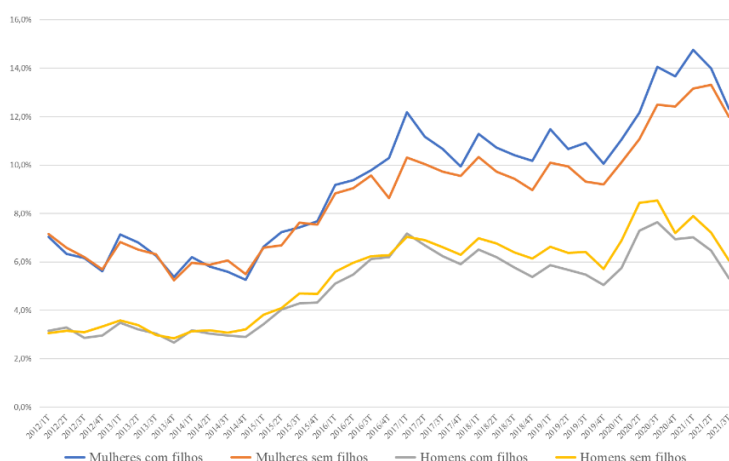
1-2(5) onde, o domicílio é entrevistado 1 mês e sai da amostra por 2 meses seguidos, sendo esta sequência repetida 5 vezes¹³.

Como visto acima, a PNAD-C acompanha o domicílio, e não o indivíduo. Ainda que a pesquisa não forneça uma chave para cada indivíduo, é possível fazer o emparelhamento, e encontrar as mesmas pessoas ao longo do tempo. Para fazer o acompanhamento por pessoa ao longo do tempo e elevar a base amostral no processo de identificação dos indivíduos, utiliza-se, aqui, o algoritmo proposto por Ribas e Soares (2008) que, segundo os autores, foi capaz de recuperar algo em torno de 7 a 10 % da base de identificação, o que teria representado uma queda de quase 50 pontos percentuais do atrito. O emparelhamento foi efetuado para toda a amostra¹⁴ a cada dois trimestres consecutivos, por exemplo, 2T com 1T, 4T com 3T e assim por diante. Define-se o fluxo de um trimestre para outro como o emparelhamento do trimestre t com $t-1$.

O acompanhamento do indivíduo ao longo dos painéis permitiu que fossem verificados também os domicílios com a presença de filho(a), segundo sua idade, com o objetivo de aferir as possíveis diferenças entre homens e mulheres com e sem filhos no domicílio. Foram considerados filho(a)s: filho(a) do responsável ou cônjuge, filho(a) somente do responsável ou enteado(a). O Gráfico 1 ilustra a evolução da taxa de desemprego de pessoas de 25 a 54 anos¹⁵ no Brasil, por sexo, segundo a presença de filhos no domicílio entre 2012/1T e 2021/3T.

Os dados revelam que diferenças substanciais entre as taxas de desemprego de homens e mulheres. Independente da presença de filho(a) ou não, as taxas de desemprego entre as mulheres são sempre substancialmente mais elevadas que as dos homens, apresentando ainda padrões distintos. Entre as mulheres, a presença de filho(a) faz com que a taxa de desemprego seja mais elevada para as mães do que para as demais. Ao passo que entre os homens com pelo menos um filho(a) no domicílio, a taxa de desemprego é menor em praticamente todos os pontos da série, com raras exceções. Em relação à ascensão das taxas de desemprego, seu crescimento se colocou mais evidentemente a partir da crise econômica de 2015 para os quatro grupos demográficos, porém, a partir de 2020, como reflexo da pandemia da COVID-19, que as taxas encontram seus pontos recordes, com crescimento mais acelerado sobre as mães que sentiram reflexo das crianças fora da escola no período de distanciamento social.

Gráfico 1 – Evolução da taxa de desemprego de pessoas de 25 a 54 anos, por sexo, segundo a presença de filhos no domicílio – Brasil, 2012/1T a 2021/3T



Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados da PNAD-C/IBGE.

¹³ Neste esquema, segundo IBGE (2014), de um trimestre para o próximo, há uma sobreposição de 80% dos domicílios e de um trimestre para o mesmo trimestre do ano seguinte, de 20%.

¹⁴ Foram descartadas da amostra indivíduos não emparelhados que, em grande parte, dizem respeito àqueles em sua primeira entrevista, ou em casos que houve mobilidade geográfica das pessoas na amostra ou nos casos de recusa de entrevista.

¹⁵ A faixa etária de 25 a 54 anos é internacionalmente conhecida como “*prime age*”, idade correspondente à principal parte da vida laboral.

Para o cálculo de transições no mercado de trabalho, a metodologia adotada será a proposta por Shimer (2007), como descrito a seguir.

3.2. O MODELO DE PROBABILIDADES DE TRANSIÇÃO

O presente trabalho utiliza a metodologia proposta por Shimer (2007)¹⁶. Segundo o autor, a probabilidade de se encontrar trabalho pode ser expressa como uma função do número de desempregados no início do período, o número de desempregados no final do período e o número de desempregados que estavam ocupados em algum momento no período (“desempregados de curto prazo” que são os indivíduos desempregados até 1 mês). A probabilidade de desligamento do trabalho é dada pelas mesmas informações além do número de ocupados no início do período. A principal vantagem dessa nova metodologia é que ela trata de forma explícita o problema do viés agregação de tempo, que poderia levar a conclusões equivocadas sobre o comportamento anticíclico da probabilidade de desligamento. Como os dados são divulgados em intervalos discretos, no caso da PNAD-C de um trimestre para o outro, é possível que esses dados possam omitir transições que tenham ocorrido entre o início e o fim de cada período. Dessa forma, uma segunda vantagem seria o uso de séries de dados públicas, que permitem uma fácil atualização e replicação do seu estudo (NUNES; MENEZES-FILHO; KOMATSU, 2016).

Para o cálculo das probabilidades de transição, em primeiro lugar, o modelo considera que o tempo é contínuo, porém somente observado em intervalos discretos, $t \in \{1, 2, \dots\}$, e o intervalo $[t, t + 1)$ é chamado “período t ”. Todos os desempregados acham trabalho de acordo com um processo de Poisson com expectativa de ocorrência de f_t . De forma similar, x_t representa a expectativa de ocorrência de um indivíduo ficar desempregado. Logo, a probabilidade de um desempregado encontrar ao menos um emprego e de um empregado se tornar ao menos uma vez desempregado ao longo de um período é dada, respectivamente, por $F_t \equiv (1 - e^{-f_t})$ e $X_t \equiv (1 - e^{-x_t})$. Para um determinado t considere que $u_{t+\tau}$ e $n_{t+\tau}$ indiquem os estoques de desempregados e empregados em $t + \tau$, respectivamente, e que $u_{t+\tau}^s$ seja o fluxo de recém-desempregados (empregados em $t \in [t, t + \tau)$ e desempregados em $t + \tau$), em que $t \in [0, 1)$. Da mesma forma, quando $\tau = 0$ assumimos que $u_t^s = 0 \forall t$. De acordo com Shimer (2007), assumindo que o desemprego de curto prazo se comporta da mesma maneira, coloca-se pressuposto que a lei de movimento do desemprego seja descrita da seguinte forma:

$$\dot{u}_{t+\tau} = e_{t+\tau}x_t - u_{t+\tau}f_t \quad (1)$$

$$\dot{u}_t^s(\tau) = e_{t+\tau}x_t - u_t^s(\tau)f_t \quad (2)$$

Assumindo que $u_t^s(0) = 0$, a lei de movimento que descreve o desemprego é obtida substituindo a equação (2) em (1) e resolvendo uma equação diferencial ordinária que resulta na equação a seguir:

$$u_{t+1} = (1 - F_t)u_t - u_{t+1}^s \quad (3)$$

¹⁶ Na metodologia de Shimer (2007) há duas hipóteses fortes e simplicadoras. Em primeiro lugar, o autor considera apenas os estados de ocupação e desocupação, desconsiderando a inatividade, o que permite simplificar o modelo de forma bastante significativa. Shimer (2007) mostra que esta simplificação não altera a conclusão sobre as flutuações das probabilidades de transição entre emprego e desemprego ao longo tempo, com o detalhamento do modelo para três estados e utilizando medidas diretas de dados longitudinais de sua base de dados. A segunda hipótese é de que todos os trabalhadores são ex-ante idênticos, de modo que, em cada instante no tempo, todos os desocupados encontram emprego com probabilidades iguais. Essa hipótese poderia ser relaxada, por exemplo, pela consideração de grupos que permanecem mais tempo no desemprego, já que suas probabilidades de transição para o emprego se reduzem com a duração do desemprego (NUNES; MENEZES-FILHO; KOMATSU, 2016).

O desemprego em $t + 1$, portanto, é decomposto entre seu estoque inicial u_t e da soma dos ingressantes u_{t+1}^s menos os que acham um emprego $F_t u_t$. Da equação (3) obtemos a expressão para a probabilidade de um desempregado achar emprego:

$$F_t = 1 - \frac{u_{t+1} - u_{t+1}^s}{u_t} \quad (4)$$

Por fim, o autor define a taxa de transição do desemprego para a condição de emprego no período t , assumindo um modelo exponencial:

$$f_t \equiv \ln(1 - F_t) \quad (5)$$

Para calcular a taxa de desligamento e a probabilidade de desligamento, Shimer (2007) define uma equação de tempo contínuo para a variação do estoque de desempregados, dU/dt . Em seguida, define-se L como a força de trabalho no período t . O fluxo para dentro do desemprego é igual à multiplicação entre o estoque de ocupados ($L_t - U_t$) e a taxa de desligamentos s_t . E o fluxo para fora do desemprego é igual ao estoque de desempregados no período t (U_t) multiplicado pela taxa de admissão (f_t). A variação do estoque de desempregados é definida como o fluxo de empregados para o desemprego, menos o fluxo de desempregados para a condição de ocupação:

$$\frac{dU}{dt} = s_t(L_t - U_t) - f_t U_t \quad (6)$$

O autor utiliza um artifício algébrico, definindo o desemprego de *steady state* no período t , U^* , para resolver a equação (6). Em equilíbrio, os fluxos para dentro e para fora do desemprego se igualam, de tal forma que a variação do estoque de desocupados é nula:

$$0 = s_t(L_t - U^*) - f_t U^* \quad (7)$$

A taxa de desemprego sob a condição de equilíbrio será igual a:

$$\frac{U^*}{L_t} = \frac{s_t}{s_t + f_t} \quad (8)$$

Combinando as equações (6) e (7), temos que:

$$\frac{dU}{dt} = (-f_t - s_t)(U_t - U^*) \quad (9)$$

A probabilidade de transição para o desemprego (S_t) é obtida por meio de:

$$s_t \equiv -\ln(1 - S_t) \quad (10)$$

Uma vez definidas as probabilidades de transição para ocupação e desocupação, a próxima seção apresenta os cálculos dessas probabilidades.

4. RESULTADOS

4.1. PROBABILIDADES DE TRANSIÇÃO SEGMENTADAS POR SEXO

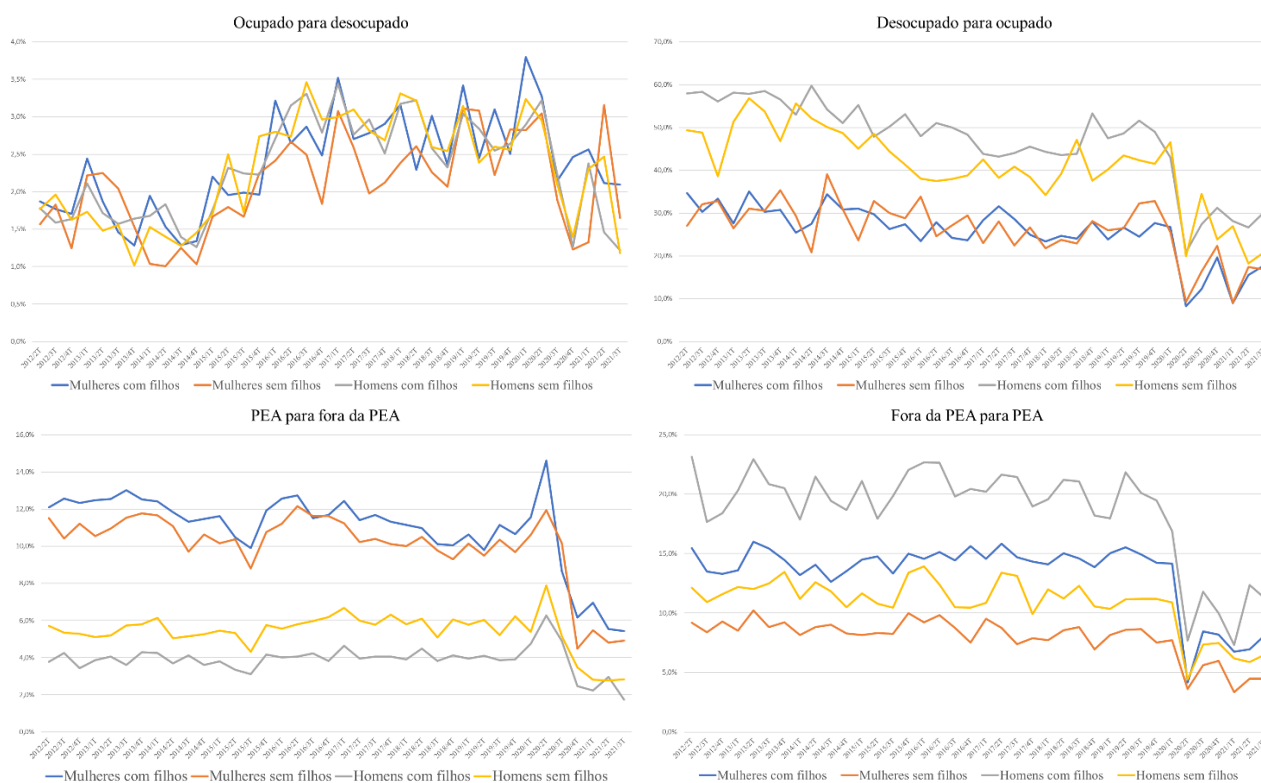
Como visto anteriormente, um tópico que tem recebido bastante importância acadêmica como pela sociedade em geral, é o comportamento das mulheres que participam do mercado de trabalho. Aqui, são comparados grupos de mulheres e homens, com filhos e sem filhos, sustentando a hipótese de que a presença de filhos, para mulheres, altera as probabilidades de transição para elas. No Painel 1, o Gráfico de transição de ocupado para desocupado revela a marcante similaridade de comportamento de todos os grupos demográficos, especialmente no que diz respeito à sazonalidade existente na série, variando apenas entre 1% e aproximadamente 4%¹⁷. De acordo com Foguel, Moreira e Corseuil (2016), essa certa imobilidade é positiva, uma vez que a chance de permanecer ocupado e gerar renda para um trabalhador é maior. Neste Gráfico é difícil observar separadamente cada comportamento da série, mas são evidentes os picos existentes na série relativos a mães com filhos, especialmente durante a crise da pandemia da COVID-19, quando este grupo desponta na probabilidade de estar desempregado (3,8%, em 2020/1T). Após atingir este pico, o maior da série histórica, os grupos retrocedem para algo em torno de 1%, exceto o grupo de mães com filhos cuja taxas de probabilidade permanecem mais elevadas que o restante (2,1%, em 2020/3T). Com a obtenção de resultados semelhantes, para Gomes et al. (2019) e Oliveira, Scorzafave e Pazello (2009), essas diferenças entre homens e mulheres com filhos se relacionam possivelmente às normas sociais vigentes, tendo em vista a necessidade da mulher de conciliar a atividade no mercado de trabalho com o cuidado dos filhos, o que aumenta sua chance de transitar para o desemprego devido à dificuldade de encontrar uma ocupação mais flexível.

Já o movimento inverso, do desocupado para ocupado, apresenta comportamento mais bem definido durante a série histórica analisada, com probabilidades mais elevadas e díspares entre os quatro grupos demográficos, entre 9% e 60%. Como pode ser observado, as probabilidades de transição para o emprego dos homens são sempre superiores às das mulheres, independentemente da presença de filhos no domicílio. O comportamento das séries de mulheres com e sem filhos é bem similar, inclusive durante a crise pandêmica entre 2020 e 2021, quando ambas atingem a menor probabilidade de encontrar ocupação da série (9,3%, em 200/2T). Neste gráfico, é interessante notar como a probabilidade dos homens com filhos é superior aos outros três grupos, ao longo de toda série, salvo raras exceções.

Apesar do modelo do Shimer (2007) não considerar movimentos a partir da PEA, julga-se importante essa análise pontual, especialmente quando segmentados os grupos segundo a presença de filhos. No Gráfico de probabilidade de PEA para fora da PEA é possível observar a probabilidade de o grupo de mães sair da PEA variando em torno de 5% e 15% ao longo da série, enquanto o contrário ocorre para o grupo de pais, com as menores probabilidades de inatividade, entre 2% e 6% no mesmo período. Novamente, aqui, observa-se o efeito da pandemia, particularmente sobre as mães, quando sua probabilidade de saída da PEA alcança o patamar máximo da série (14,6%, em 2020/2T). O movimento inverso, de fora da PEA para PEA, é marcado pelas maiores probabilidades dos grupos de homens e mulheres com filhos, particularmente grupo de pais. Mais uma vez, é notável o efeito da pandemia da COVID-19 sobre os quatro grupos, quando todos atingem suas menores probabilidades da série entre 2020/2T e 2021/1T. Por fim, para Foguel, Moreira e Corseuil (2016), o fato de a taxa de entrada na ocupação de pessoas ser muito superior à dos que estão fora da força de trabalho é previsível, já que os desempregados estão ativamente procurando trabalho, enquanto o mesmo não ocorre entre os inativos.

¹⁷ Nunes, Menezes-Filho e Komatsu, (2016) também encontraram baixas probabilidades de desligamento, variando apenas entre 1,4% e 3,3% entre 2004 e 2013. Já as probabilidades de admissão variaram entre 15% e 29% no mesmo período.

Painel 1 – Probabilidades de transição no mercado de trabalho: ocupado x desocupado ou inatividade, por sexo, segundo presença de filhos no domicílio – Brasil, 2012/2T a 2021/3T



Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados da PNAD-C/IBGE.

4.2. TENDÊNCIAS DE ENTRADA E SAÍDA NO EMPREENDEDORISMO

Nesta subseção, utiliza-se o filtro de Hodrick-Prescott (filtro HP)¹⁸ para separar os componentes de ciclo e tendência das taxas de transição, de forma a eliminar as flutuações de curto prazo das séries. Logo, são analisadas as tendências de transição para empreendedorismo, na posição de conta própria e empreendedorismo. Entre os objetivos estão analisar a probabilidade de inserção das mães nas atividades empreendedoras e compreender se o empreendedorismo seria realmente um “colchão amortecedor” a partir do desemprego. A análise descritiva também é feita a partir da idade dos filhos.

O Painel 2 mostra os Gráficos de tendência de transição do estado ocupacional de desocupado para conta própria ou empregador(a) e *vice-versa*, apresentando sua evolução entre o período de 2012/2T a 2021/3T. O Gráfico de desocupado para conta própria revela menores probabilidades de mulheres com filhos até 5 anos transitarem para posição de conta própria, em uma evolução relativamente estável em todo período analisado, com taxas aproximadas de 3,5% - resultados em linha com as discussões de Hildebrand e Williams (2003) e Wellington (2006) . Já para os homens com filhos, as probabilidades de transição do estado de desemprego para conta própria são muito mais elevadas, independentemente da idade dos filhos, são sempre maiores que das mulheres, em torno de 15% e 20%. A partir de 2018, porém, apresenta-se uma pronunciada tendência de queda entre os homens. Ainda assim, é possível notar um caráter de “amortecedor” do desemprego neste tipo de ocupação para os homens¹⁹.

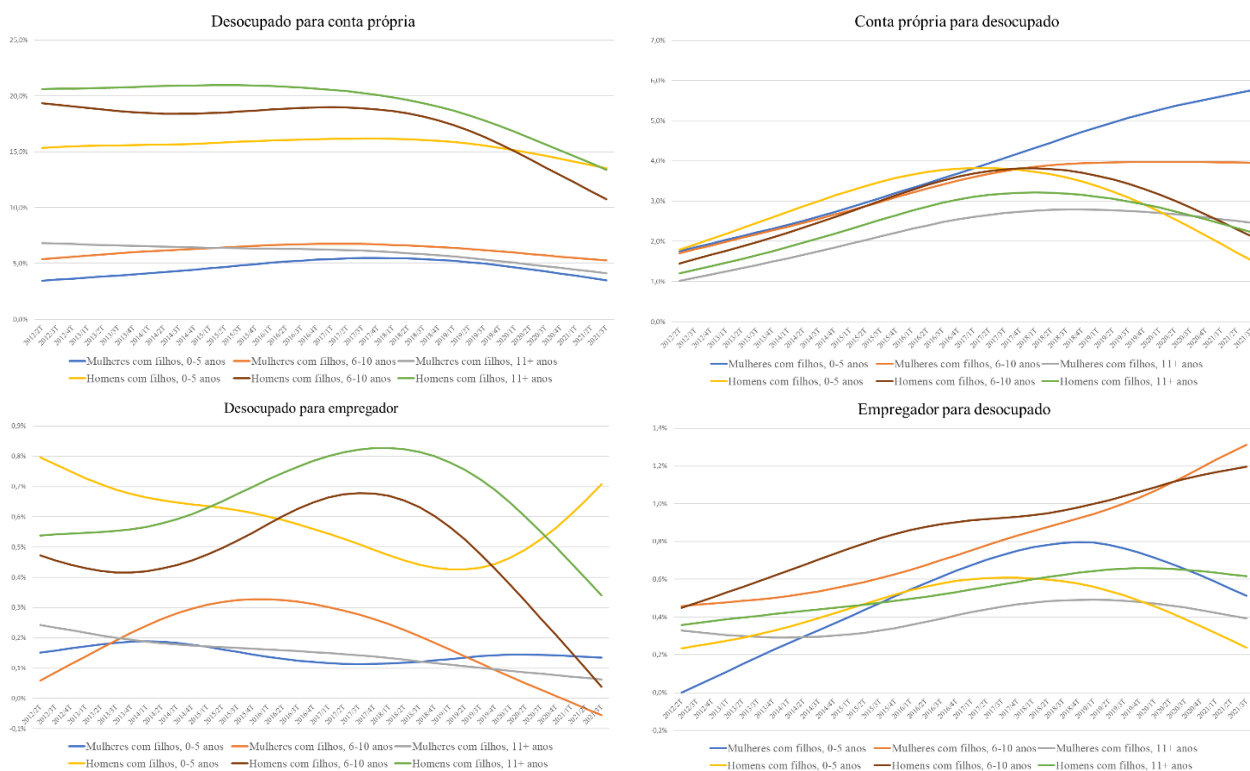
¹⁸ Fujita e Ramey (2009) destacam que pos resultados de Shimer (2007), baseados no filtro HP, são sensíveis ao tipo de filtro. No Brasil, Attuy (2012) e Gonzaga e Ulyssea (2016), também baseados em Shimer (2007) também utilizaram filtro HP para análise de seus resultados.

¹⁹ Gonzaga e Ulyssea (2016) encontraram divergentes comportamentos para análise de RMs. Os autores encontraram um padrão pró-cíclico da taxa de permanência para informalidade da RMRJ. Já para as demais RMs, encontraram uma tendência anti-cíclica (sendo um colchão em períodos de crise), usualmente encontrado por estudos dessa temática.

O Gráfico de conta própria para estado de desocupado indica de forma clara o aumento dessa tendência entre as mulheres com filhos até 5 anos, como pode ser observado ao longo de toda a série. Estas altas probabilidade de transitar da posição de conta própria para estado de desocupação pode indicar que as mulheres com filhos menores, seguidas pelas mães com filhos de 6 a 10 anos, “desistem” mais rapidamente da atividade empreendedora que os demais grupos demográficos, especialmente pela dificuldade em conciliar atividades do negócio e cuidados com os filhos e a casa. Ainda, segundo Oliveira e Jacinto (2017), a dupla jornada da mulher empreendedora impõe uma limitação de tempo e reduz o tempo dedicado ao mercado de trabalho. Na contramão, homens com filhos menores terminam a série com menor tendência a migrar da ocupação como conta própria para estado de desocupação.

Tal como Oliveira (2018), a presente análise indica que os empregadores não respondem às condições do mercado de trabalho. Primeiro, foi identificado que as probabilidades de transição do estado de desocupação para empregador são praticamente nulas, variando de 0 a 1%. E essas linhas de tendência apresentam diferentes oscilações ao longo do ciclo econômico. Mais, as probabilidades de as mulheres com filhos empreenderem como empregadoras a partir da desocupação são nulas ao longo de toda a série analisada, o que pode sugerir a existência de barreiras para o grupo de empregadoras. Baixas probabilidades também foram encontradas no caminho inverso, da posição de empregador(a) para desocupação, com tendência de queda para mulheres e homens com filhos entre 0 e 5 anos.

Painel 2 – Tendências de transição para o empreendedorismo: ocupado como carteira própria ou empregador x desocupado, por sexo, segundo presença e idade de filhos no domicílio – Brasil, 2012/2T a 2021/3T (filtro HP)



Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados da PNAD-C/IBGE.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo analisar as transições das mães no mercado de trabalho e contribuir para a discussão do empreendedorismo materno, a partir de dados trimestrais da PNAD-C, entre 2012 e 2021. As contribuições deste estudo para a literatura econômica preenchem uma lacuna não só temática como metodológica, ao apresentar um modelo com a correção de viés de agregação de tempo, segmentado para o grupo específico de mães, por idade dos filhos. Até o momento desta elaboração, é o único trabalho que analisou as transições no mercado de trabalho no Brasil que inclui o contexto da crise da COVID-19.

Entre os resultados, destaca-se que o ciclo econômico a partir de 2020 apresentou efeitos sem precedentes, particularmente no comportamento do grupo de mães, cujas probabilidades de perder emprego e entrar na inatividade alcançaram seus níveis recordes da série, evidenciando a penalidade materna, a partir de uma maior responsabilização de cuidados dos filhos que estiveram fora da escola durante o período de isolamento da pandemia.

A hipótese, existente na literatura nacional, de o empreendedorismo ser um “colchão amortecedor” para a crise de desemprego foi verificada mais veementemente para os homens, que apresentaram elevadas probabilidades de transição entre desemprego e a ocupação por conta própria, porém, com tendência de queda a partir de 2018. Por outro lado, a mesma hipótese não é válida para a posição de empregador(a) – indicando que este “colchão” encontra seu lugar na informalidade. Sobre empreendedorismo materno, este estudo observou menores probabilidades de inserção na ocupação de própria ou empregadora a partir da situação de desemprego, especialmente baixa para mulheres com filhos pequenos, entre 0 e 5 anos. Também, são elas que têm a maior probabilidade de fazer o caminho inverso, ao migrar do empreendedorismo para uma situação de desemprego - analogamente a uma desistência do empreendedorismo por conta própria.

Por fim, como o presente estudo mostrou, em tempos de crise econômica, a baixa capacidade do mercado de trabalho brasileiro absorver a força de trabalho feminina, sobremaneira a das mulheres com filhos, é fundamental que as políticas públicas passem a incluir em sua pauta a redistribuição dos cuidados destes filhos, como aumento de oferta de creches e escolas em período integral e de qualidade, aumento de licença-paternidade, etc. Além disso, aponta-se necessária uma maior produção de evidências empíricas sobre o empreendedorismo materno de ordem quantitativo e qualitativo no Brasil, para que se possam compreender com mais clareza as dificuldades e motivações para esse tipo de inserção.

REFERÊNCIAS

- AJEFU, Joseph Boniface. Does having children affect women’s entrepreneurship decision? Evidence from Nigeria. **Review of Economics of the Household**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 843–860, 2019. DOI: 10.1007/s11150-019-09453-2.
- ANTIGO, Mariangela; MACHADO, Ana Flávia. Transições e duração do desemprego: uma revisão da literatura com novas evidências para Belo Horizonte. **Nova Economia**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 375–406, 2006.
- ATTUY, Guilherme. **Decomposição dos ciclos do desemprego: uma aplicação para o brasil a partir dos fluxos do trabalho**. [s.l.: s.n.].
- BARBOSA FILHO, Fernando de Holanda; MOURA, Rodrigo Leandro. Evolução recente da informalidade do emprego no Brasil: uma análise segundo as características da oferta de trabalho e o setor. **Pesquisa e Planejamento Econômico (PPE)**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. 101–123, 2015.

BECKER, Gary S. **Human Capital, Effort, and the Sexual Division of Labor**Source: **Journal of Labor Economics**. [s.l: s.n.]. Disponível em:
<http://www.jstor.org>URL:<http://www.jstor.org/stable/2534997>.

BERNIELL, Inés; BERNIELL, Lucila; MATA, Dolores de La; EDO, María; MARCHIONNI, Mariana. Gender gaps in labor informality: The motherhood effect. **Journal of Development Economics**, [S. l.], v. 150, 2021. DOI: 10.1016/j.jdeveco.2020.102599.

BIVAR, Wasmália Socorro. **Aspectos da Estrutura do Desemprego no Brasil**. 1993. [S. l.], 1993.

BLANCHARD, Olivier Jean; DIAMOND, Peter; HALL, Robert E.; MURPHY, Kevin. **The Cyclical Behavior of the Gross Flows of**Source: **Brookings Papers on Economic Activity**. [s.l: s.n.].

BODEN, Richard J. Gender and Self-Employment Selection: An Empirical-Assessment. **Journal of Socio- Economics**, [S. l.], v. 25, n. 6, p. 671–682, 1996.

BUDIG, Michelle J. **Intersections on the Road to Self-Employment: Gender, Family and Occupational**Renzulli, Aldrich and Moody. [s.l: s.n.]. Disponível em:
<http://sf.oxfordjournals.org/>.

CUCO, Ihorana Aguilar; SOUZA, Kênia Barreiro. Informalidade no mercado de trabalho: uma abordagem da transição ocupacional no Brasil entre 2012 e 2019. **Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, [S. l.], p. 1–18, 2019.

DARBY, Michael R.; HALTIANGER, John C.; PLANT, Mark W. **The Ins and Outs of Unemployment: The Ins Win**. [s.l: s.n.].

EDWARDS, Linda N.; FIELD-HENDREY, Elizabeth. **Home-Based Work and Women’s Labor Force Decisions**. **Journal of Labor Economics**, 2002. DOI: 10.1086/323936.

EKINSMYTH, Carol. Mothers’ business, work/life and the politics of ‘mumpreneurship.’ **Gender, Place and Culture**, [S. l.], v. 21, n. 10, p. 1230–1248, 2014. DOI: 10.1080/0966369X.2013.817975.

ELSBY, Michael W. L.; MICHAELS, Ryan; SOLON, Gary. The ins and outs of cyclical unemployment. **American Economic Journal: Macroeconomics**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 84–110, 2009. DOI: 10.1257/mac.1.1.84.

FERNANDES, Reynaldo; PICCHETTI, Paulo. Uma análise da estrutura do desemprego e da inatividade no Brasil metropolitano. **Pesquisa e Planejamento Econômico (PPE)**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 87–112, 1999.

FOGUEL, Miguel; MOREIRA, Ajax; CORSEUIL, Carlos Henrique. Uma análise comparativa da dinâmica do desemprego no Rio de Janeiro com base nos fluxos de trabalhadores no mercado de trabalho. **Trabalho no Rio de Janeiro**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 60–81, 2016.

FUJITA, Shigeru; RAMEY, Garey. **THE CYCLICALITY OF SEPARATION AND JOB FINDING RATES** *INTERNATIONAL ECONOMIC REVIEW. [s.l: s.n.].

GIMENEZ-NADAL, Jose Ignacio; MOLINA, Jose Alberto; ORTEGA, Raquel. Self-employed mothers and the work-family conflict. **Applied Economics**, [S. l.], v. 44, n. 17, p. 2133–2147, 2012. DOI: 10.1080/00036846.2011.558486.

GOLDIN, Claudia. A grand gender convergence: Its last chapter. **American Economic Review**, [S. l.], v. 104, n. 4, p. 1091–1119, 2014. DOI: 10.1257/aer.104.4.1091.

GOMES, Carlos Eduardo; LIMA, Renata Lemos; CUNHA, Marina Silva Da; VASCONCELOS, Marcos Roberto. Transições no mercado de trabalho brasileiro e os efeitos imediatos da crise econômica dos anos 2010*. **Economia e Sociedade**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 481–511, 2019. DOI: 10.1590/1982-3533.2019v28n2art08.

GONZAGA, Gustavo; ULYSSEA, Gabriel. As transições do mercado de trabalho e o ciclo econômico. **Trabalho no Rio de Janeiro**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 38–59, 2016.

GRIMSHAW, Damian; RUBERY, Jill. **The motherhood pay gap: A review of the issues, theory and international evidence** INTERNATIONAL LABOUR OFFICE-GENEVA. [s.l: s.n.].

HALL, Robert E. **Job Loss, Job Finding, and Unemployment in the U.S. Economy over the Past Fifty Years**. [s.l.] : MIT Press, 2005.

HECKSHER, Marcos; BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda; COSTA, Joana Simões. De antes da gravidez até a infância: trabalho e estudo de mães e pais no painel da Pnad Contínua. **ABEP**, Rio de Janeiro, p. 172–181, 2021.

HILDEBRAND, Vincent; WILLIAMS, Donald R. **Self-employment and Caring for Children: Evidence from Europe**. Luxemburgo. Disponível em: <http://www.ceps.lu/iriss>.

HIRATA, Guilherme Issamu; MACHADO, Ana Flavia. ESCOLHA OCUPACIONAL E TRANSIÇÃO NO BRASIL METROPOLITANO: UMA ANÁLISE COM ÊNFASE NO SETOR INFORMAL. **Economia Aplicada**, [S. l.], v. 14, n. 4, p. 299–322, 2010.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Notas Metodológicas**. Rio de Janeiro.

ILG, Randy E.; THEODOSSIOU, Eleni. Job search of the unemployed by duration of unemployment. **Monthly Labor Review**, [S. l.], 2012.

JOONA, Pernilla Andersson. Are mothers of young children more likely to be self-employed? The case of Sweden. **Review of Economics of the Household**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 307–333, 2017. DOI: 10.1007/s11150-016-9349-6.

KLEVEN, Henrik; LANDAIS, Camille; SØGAARD, Jakob Egholt. Children and gender inequality: Evidence from Denmark. **American Economic Journal: Applied Economics**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 181–209, 2019. DOI: 10.1257/app.20180010.

LOMBARD, Karen V. **FEMALE SELF-EMPLOYMENT AND DEMAND FOR FLEXIBLE, NONSTANDARD WORK SCHEDULES**. [s.l: s.n.].

MARITZ, Alex; THONGPRAVATI, Onnida; NEL, P. Motherhood and entrepreneurship: The Mumpreneur phenomenon. **The International Journal of Organizational Innovation**, [S. l.], v. 3, p. 6–34, 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/284816368>.

MENEZES, Andrey Ivale; CUNHA, Marina Silva. **Uma análise da duração do desemprego no Brasil (2002-2011)**Eco. de Emp. [s.l: s.n.].

MINCER, Jacob; BRADY, Dorothy S.; BECKER, Gary S.; GRILICHES, Zvi; LEISERSON, Mark; NELSON, Philip J.; ZUPNICK, Elliot. Labor Force Participation of Married Women: A Study of Labor Supply For encouragement and helpful comments I am indebted to. [S. l.], 1962.

MOREIRA, Ajax; CORSEUIL, Carlos Henrique; FOGUEL, Miguel. **Um modelo de transição entre estados da força de trabalho para previsão do desemprego e da ocupação formal.** Brasília.

NORDENMARK, Mikael; VINBERG, Stig; STRANDH, Mattias. Job control and demands, work-life balance and wellbeing among self-employed men and women in Europe. **Vulnerable Groups & Inclusion**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 18896, 2012. DOI: 10.3402/vgi.v3i0.18896.

NUNES, Douglas Uemura; MENEZES-FILHO, Naercio Aquino; KOMATSU, Bruno Kawaoka. Probabilidades de admissão e desligamento no mercado de trabalho brasileiro. **Estudos Economicos**, [S. l.], v. 46, n. 2, p. 311–341, 2016. DOI: 10.1590/0101-416146222dnb.

OLIVEIRA, Paulo Felipe; CARVALHO JR., José Raimundo. **Desigualdade de Gênero na Duração do Desemprego e seus Efeitos sobre os Salários Aceitos no Brasil.** [s.l.: s.n.].

OLIVEIRA, Pedro Rodrigues; SCORZAFAVE, Luiz Guilherme; PAZELLO, Elaine Toldo. Desemprego e inatividade nas metrópoles brasileiras: as diferenças entre homens e mulheres. **Nova Economia**, [S. l.], v. 19, p. 481–511, 2009.

OLIVEIRA, Victor Rodrigues. Empreendedorismo de Necessidade, Empreendedorismo de Oportunidade e Ciclo Econômico. In: ANAIS DO 46 ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA 2018, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro p. 1–20.

PETRONGOLO, Barbara; PISSARIDES, Christopher A. The ins and outs of European unemployment. In: AMERICAN ECONOMIC REVIEW 2008, **Anais [...]**. [s.l.: s.n.] p. 256–262. DOI: 10.1257/aer.98.2.256.

REIS, Maurício; ÁGUAS, Marina. Duração do desemprego e transições para o emprego formal, a inatividade e a informalidade. **Economia Aplicada**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 35–50, 2014. DOI: 10.1590/1413-8050/ea416.

REIS, Mauricio Cortez. **Como as condições do mercado de trabalho influenciam as transições do desemprego para o emprego?** Rio de Janeiro.

RIBAS, Rafael Perez; SOARES, Sergei Suarez Dillon. **SOBRE O PAINEL DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO (PME) DO IBGE.** Brasília.

SANTOS, Roberta Teodoro; MONSUETO, Sandro Eduardo; VARELLA, Angelo Cruz do Nascimento. Quem fica desempregado primeiro? Uma análise de transição. **Economia e Sociedade**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 447–466, 2021. DOI: 10.1590/1982-3533.2021v30n2art07.

SHIMER, Robert. **Ressessing the Ins and Outs of Unemployment.** [s.l.: s.n.].

SILVA, José Ferreira; PIRES, Fábio Leandro Siani. **Evolução do Desemprego no Brasil no Período 2003-2013: análise através das probabilidades de transição.** Brasília. Disponível em: www.bcb.gov.br/?FALECONOSCO.

SIMOES, Nadia; CRESPO, Nuno; MOREIRA, Sandrina B. INDIVIDUAL DETERMINANTS OF SELF-EMPLOYMENT ENTRY: WHAT DO WE REALLY KNOW? **Journal of Economic Surveys**, [S. l.], v. 30, n. 4, p. 783–806, 2016. DOI: 10.1111/joes.12111.

WELLINGTON, Alison J. Self-employment: The new solution for balancing family and career? **Labour Economics**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 357–386, 2006. DOI: 10.1016/j.labeco.2004.10.005.